

O PENSAMENTO DE SANTO TOMÁS DE AQUINO SOBRE O TRABALHO¹.

Leo J. Elders, svd – *Grootseminarie Rolduc*.

Resumo: O artigo trata das considerações teológicas feitas por Santo Tomás de Aquino sobre a questão do trabalho.

Palavras-chave: Santo Tomás de Aquino, Trabalho, Teologia do trabalho.

Abstract: The paper is about the theological statements made by Saint Thomas Aquinas about Labour.

Keywords: Saint Thomas Aquinas, Labour, Theology of Labour.

Em sua Encíclica *Rerum Novarum*, Leão XIII expõe a doutrina cristã do trabalho e particularmente a do trabalho manual. O grande Papa segue de muito perto o pensamento de Santo Tomás de Aquino e por isso nos parece útil trazer à memória em nossa comunicação as idéias principais do Angélico sobre este tema. Nossa intenção não é propor interpretações ainda inéditas, mas antes por à luz os grandes princípios do Aquinate, posto que em nossa época conservam todo o seu valor.

Em sua *Política VII*, c. 14, Aristóteles insiste na importância do ócio a fim de que o homem consiga a virtude. Apesar disso, ele sabia que a agricultura é necessária, isto é, uma verdadeira democracia chega a ser possível somente em um país com uma economia agrícola na qual a população vive do cultivo da terra e da pecuária². Este texto é típico da atitude dos gregos que geralmente menosprezavam o trabalho manual por três razões: (1) o operário e o agricultor trabalham para outros e assim estão em uma relação de dependência; (2) na sociedade grega eram antes os escravos que se viam encarregados destas tarefas; ora bem, os cidadãos livres desejavam se distinguir da gente humilde; desta maneira o homem rico faz os outros trabalharem para proporcionar a si mesmo o luxo que deseja desfrutar; (3) o cidadão conserva suas forças para a competição desportiva e a guerra onde

¹ Artigo originalmente publicado em LÓPEZ, T. ET ALII (eds.). *Doctrina social de la Iglesia y realidad socio-económica. En el centenario de la Rerum novarum: XII Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra*. Pamplona: EUNSA, 1991, pp. 1069-1080. A Aquinate.net agradece ao seu ilustre colaborador Dr. Leo Elders, svd. Tradução do espanhol por Daniel Nunes Pêcego e revisão da tradução de Flávio Lemos Alencar.

² ARISTÓTELES. *Polit.* I, cc. 9-11.

espera alcançar a glória³. Aristóteles afirma a primazia da vida espiritual e do estudo.

De fato, em muitos países o trabalho foi e continua sendo uma realidade muito dura: os operários e agricultores pobres devem trabalhar até o esgotamento total de suas forças e, ao fim de sua vida, deixá-lo para o encontro com um destino que ignoram. Diz-se que na China o homem sempre foi a besta de carga, mas no passado a situação não era muito melhor nos países ocidentais. As novelas de Victor Hugo nos recordam a vida duríssima dos camponeses no século passado e Van Gogh eternizou em seu quadro “Os comedores de batatas” os sofrimentos dos operários das carvoarias. Não por acaso nossa palavra “trabalho” deriva dos termos *trabs* e *tripalium* em latim, palavras que significam “junta de bois”. O verbo *tripaliare* tem o sentido de fazer sofrer ou de fazer sofrer a si mesmo.

Apesar dessa etimologia da palavra “trabalho” a realidade não é tão sombria. O trabalho se encontra no ponto onde se unem a vida física e o espírito. É uma expressão da vida do homem em sua condição de espírito encarnado⁴ e que se mostra claramente se considerarmos os componentes do trabalho, em primeiro lugar a idéia ou o projeto que alguém tem concernente à obra que vai realizar e a decisão de trabalhar para a sua realização. Começa a trabalhar com materiais que opõem certa resistência. Portanto, o esforço que se faz é espiritual e físico ao mesmo tempo. O uso de instrumentos que são como um prolongamento das mãos indica igualmente a natureza material e espiritual do trabalho.

Em seu trabalho o homem colabora com Deus no desenvolvimento da criação, impondo determinações à matéria, fazendo entrar na mesma algo do seu espírito. A natureza das coisas é tal que o homem deve se servir delas trabalhando em e com elas para tirar das mesmas os alimentos e os materiais de que necessita para a sua vida. Fala-se da função econômica, a função social e a função psicológica do trabalho: por sua função econômica o trabalho nos alcança o que necessitamos não apenas para viver, mas para viver melhor e conseguir bens materiais. Por sua função social o trabalho cria relações fraternais enquanto promove a solidariedade entre os que trabalham e permite que uns prestem serviços aos outros. A função psicológica do trabalho consiste em que cumpre com a exigência inerente ao homem de auto-realização e de modelagem de sua personalidade; ademais se reconhece em

³ MOSSÉ, C. *Le travail en Grèce et à Rome*. Paris, 1960, p. 126.

⁴ JOLIVET, R. “Le travail”, *In Doctor Communis*, 1959, pp. 31-47.

suas obras e tem plena consciência de sua superioridade em relação ao mundo material⁵.

Assim se vê com clareza que o trabalho é algo muito natural para o homem que sente o desejo de trabalhar e de ocupar suas faculdades espirituais e físicas. Folgo em dizer que em si mesmo trabalhar é um privilégio e uma causa de satisfação e de gozo, mas ocorre que, nas condições atuais da humanidade, frequentemente o trabalho chega a ser duro e inclusive desumano. Muitos homens são obrigados a empreender esforços quase sobrehumanos, ou trabalhar em circunstâncias desonrosas para ganhar ou produzir o que faz falta para a vida de suas famílias. Muitos outros são explorados e exauridos por seus patrões.

Para os que trabalham nestas condições a vida espiritual chega ser difícil. Enquanto que na época medieval havia uma positiva valorização do trabalho manual e foi também reconhecida a importância e o primado da vida contemplativa, durante a reforma protestante a vida contemplativa foi menosprezada e o trabalho chegou a adquirir um valor absoluto. Em seu *Der modernere Kapitalism*, W. Sombart afirmou que o verdadeiro espírito de trabalho foi fruto da reforma protestante que teria triunfado sobre o “quietismo medieval”⁶. Esta foi refutada, mas mostra que vale a pena estudar a doutrina do trabalho do Doutor Angélico.

Em relação com esta evolução da idéia do trabalho na Alemanha e em outros países norte-europeus a filosofia moderna introduziu uma teoria nova: enquanto que tradicionalmente o trabalho foi considerado como a tarefa do aperfeiçoamento do próprio homem e da natureza⁷ – pelo menos no sentido de uma servidão maior das coisas naturais ao homem –, Hegel fez do trabalho um componente ou uma expressão do movimento do espírito que volta para si: a negatividade da consciência do homem passa ao objeto que é convertido e por isso “destruído”. O homem expressa sua dominação e liberdade: o finito chega a ser infinito. Assim começa a cultura. O trabalho do escravo, ao contrário, é distinto: ele está ligado à coisa sobre a qual trabalha e assim não chega a ser autônomo. Mas o homem, dono de si, sujeita o objeto de seu trabalho para seu próprio fim⁸. O marxismo sublinhava as condições degradantes do trabalho na sociedade industrializada, mas viu que o trabalho é

⁵ Proudhon escreve que “le travail est une volupté intime que résulte, pour l’homme, du plein exercice de ses facultés”.

⁶ FANFANI, A. *Storia del lavoro in Italia dalla fine del secolo XV agli inizi del XVIII*. Milão, 1943. Ver também ROCHA, M. *Travail et salaire à travers la scolastique*. Paris, 1933.

⁷ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 31, a. 5: “Actiones quae transeunt in exteriorem materiam magis sunt actiones et perfectiones materiae transmutate”.

⁸ LAKERBRINK, B. *Studien zur Metaphysik Hegels*. Friburgo, 1969, pp. 120 e ss.

o modo humano da relação do homem com a natureza; o trabalho serve também para construir a fraternidade dos operários, mas em virtude do fato de que os donos são os proprietários das fábricas, os operários são alienados perdendo uma parte de si mesmo na obra que fazem. Daí a política comunista de se apoderar dos meios de produção. Aqui se abre um acampo vastíssimo para os cristãos, quer dizer, devem descobrir o sentido do trabalho segundo o projeto divino e aprender a trabalhar segundo as exigências da dignidade humana. Isso vale também para os empreendedores cristãos que devem aplicar, na sua relação com os trabalhadores, a doutrina social cristã. Portanto, é importante a reflexão filosófica e teológica sobre o trabalho e suas funções. Proponho-me evocar aqui os elementos principais da doutrina de Santo Tomás de Aquino em relação a este tema.

A REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE O TRABALHO.

Aristóteles acreditava que ao trabalho manual impede ao intelecto dedicar-se a estudos superiores. Esta opinião era muito difundida no Mundo Antigo. Dentre outros, Cícero a faz sua, escrevendo que o homem nobre deve rechaçar o modo pelo qual os artesãos fazem a vida trabalhando sem acrescentar algo a sua obra por sua arte⁹. Mas à medida que a religião cristã começava a influir sobre os espíritos, se foi impondo uma concepção mais positiva do trabalho manual. São João Crisóstomo, Santo Agostinho e outros autores punham em relevo o valor ascético e social do trabalho, tirando do mesmo o caráter desonroso que os burgueses do Mundo Antigo costumavam atribuir-lhe. São Bento prescreveu a seus monges trabalhar várias horas diárias; assim, sem molestar os outros, eles podiam produzir o que necessitavam para viver e ao mesmo tempo lhes permitia praticar a caridade a ajudar aos pobres. Quanto aos esforços difíceis que o trabalho exige, foram considerados como um meio de purificação.

Contudo, esta valorização positiva o trabalho segue sendo considerado como um meio e não como um fim. Santo Tomás por sua vez indicou os elementos principais de uma verdadeira filosofia do trabalho. Consideremos a sua doutrina.

O QUADRO GERAL E O PANO DE FUNDO DO TRABALHO HUMANO.

Ainda que a vida espiritual e contemplativa tenha valor maior do que a vida ativa e prática, o trabalho manual é natural e um ato quase espontâneo

⁹ CÍCERO. *De officiis* I, 42: “Illiberales et sordidi quaestus mercennariorum omnium quorum operae, non quorum artes emuntur”.

para o homem cujo aperfeiçoamento consiste em suas atividades imanentes e transeuntes. As últimas têm o seu termo no que faz o homem fora de si. A atividade procede do homem (a causa eficiente), atua em um recipiente (a causa material) em atenção a um fim (a causa final). Se falamos da dificuldade de reduzir o potencial à sua atualização¹⁰, podemos dizer que o trabalho pode ser difícil por falta de força, hábito ou aptidão de parte da causa eficiente ou pela resistência que oferece o receptor.

O trabalho procede do homem enquanto está dotado de intelecto e vontade. Portanto é sempre um ato humano. A necessidade do trabalho se mostra pelo fato de que o homem mesmo deve buscar e produzir o que necessita para a sua vida. Para este fim recebeu os órgãos de seu corpo e foi posto em um ambiente onde pudesse buscar alimentação, cultivar a terra, explorar os materiais que lhe oferece a natureza. É tão natural para o homem trabalhar como é para um pássaro voar¹¹.

Um indivíduo não é capaz de buscar sozinho tudo o que necessita para viver bem nem sequer, o mais das vezes, o que é necessário para sobreviver. Impõem-se o trabalho em grupo, a divisão de tarefas e a especialização assim como o uso das invenções de outros. Este aspecto do trabalho implica o seu caráter altamente social; por seu trabalho o homem ajuda a outros que por sua vez lhe ajudam.

Resulta também que por sua natureza o trabalho é útil. Em seu proceder o homem abandona a inutilidade, tem um fim e busca alcançar algo concreto. Precisamente pelo fato de que o trabalho tem uma função social não faz falta que todos os homens se dediquem ao mesmo tipo de trabalho, nem mesmo ao trabalho manual. Segundo a intenção da natureza, os homens têm distintos dotes: uns possuem uma maior aptidão para as coisas do espírito, outros, ao contrário, mostram uma inclinação mais para obras exteriores¹².

Daí se compreende que certas pessoas elejam uma vida de estudos – a vida contemplativa –, que é primeiramente a consideração da verdade¹³. Esta vida, que se dedica total ou parcialmente ao estudo e à busca da Causa Primeira, possui maior tranquilidade e permanência. Atua o contemplativo

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. *Quaestio disp. de potentia* 3, 4 ad 16.

¹¹ TOMÁS DE AQUINO. *Quodl.* VII, q. 7, a. 17: “Sicut autem ipsa dispositione corporis patet, homo naturalem ordinem habet ad opus manuale propter quod dicitur Job 5,7: Homo ad laborem nascitur et avis ad volandum”.

¹² TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 179, a. 1: “Quia ergo quidam homines praecipue intendunt contemplationi veritatis, quidam vero intendunt principaliter exterioribus actionibus, inde est quod vita hominis convenienter dividitur per activam et contemplativam”.

¹³ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 180, a. 3: “Sic ergo contemplative vita unum quidem actum habet in quo finaliter perficitur, scilicet contemplationem veritatis”.

com suas faculdades mais nobres, segundo o mais divino nele. Sua vida é mais semelhante à beatitude celestial¹⁴.

Apesar desta superioridade *secundum se* da contemplação, a vida ativa pode se impor e ser mais importante por razões particulares, por exemplo, por causa das necessidades da vida presente¹⁵. Santo Tomás acrescenta que *para nós* a vida ativa precede a vida contemplativa por causa de seu valor dispositivo para a contemplação¹⁶. É evidente que o homem, atuando em obras exteriores, já não está muito livre para o estudo e as coisas do espírito. Assim, a vida ativa não favorece a contemplação, porque não se pode fazer duas coisas distintas ao mesmo tempo. Mas enquanto a vida ativa ajuda a dominar as paixões inferiores pode de fato promover a via espiritual¹⁷. Estas reflexões constituem o quadro e o pano de fundo do que ensina Santo Tomás a propósito do trabalho manual.

A ANÁLISE FILOSÓFICA DO TRABALHO SEGUNDO SANTO TOMÁS.

Alguns dos textos mais importantes do Angélico sobre o trabalho manual são obras de circunstância, escritas para defender os frades das ordens mendicantes contra certas críticas: seus adversários lhes jogavam na cara a indolência e a exploração do povo cristão; em vez de ganhar a vida trabalhando, os frades preferiam pedir esmola, para dedicar-se completamente ao estudo e tirar os seculares dos postos no ensino universitário. Um destes textos é a *Quaestio quodlibetalis* VII, q. 7, a. 1.

Em sua resposta àquelas críticas, Santo Tomás procede metodologicamente. No primeiro artigo estuda o problema sobre se é preceito divino que todos os homens trabalhem com suas mãos – o que São Paulo parece dizer em 2Ts 3, 10 (“quem não quer trabalhar também não há de comer”¹⁸) –, texto que era o grito de guerra dos seculares em sua luta contra os mendicantes. Ora, escreve Santo Tomás, para julgar de uma coisa, faz falta considerar o seu fim. O fim do trabalho manual é tríplice: cessar de folgazar; subjugar o corpo; ganhar a vida. As duas primeiras finalidades podem ser alcançadas igualmente ocupando-se com coisas espirituais. Com relação à

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. *STb* II-II, q. 181, a. 4: “In futura autem vita cessabit occupatio exteriorum actuum; et si qui actus exteriores sint, referentur ad finem contemplationis”.

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO. *STb* II-II, q. 182, a. 1: “Secundum quid tamen et in casu est magis eligenda vita activa propter necessitatem praesentis vitae”.

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. *STb* II-II, q. 182, a. 4.

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. *STb* II-II, q. 182, a. 3.

¹⁸ As citações bíblicas foram tiradas da tradução portuguesa da *Bíblia de Jerusalém*. 9 reimp. São Paulo: Paulus, 2000, salvo quando a tradução referida diferia muito do original em espanhol (N. T.)

terceira finalidade, o trabalho manual parece se impor, e tanto mais que a natureza instituiu as coisas de tal modo que o homem recebeu seu intelecto e suas mãos para produzir o que lhe faz falta para viver. Por conseguinte, o trabalho manual foi ordenado pela lei natural¹⁹.

No entanto, é necessário distinguir nos comandos da lei natural entre os preceitos que têm por objeto remediar insuficiências dos homens individuais (alimentar-se, praticar as virtudes); outros, pelo contrário, que tendem a remediar insuficiências dos homens em sua totalidade. O preceito de Gênesis 1, 28: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” vale para os homens enquanto constituem o gênero humano, mas não prescreve que cada indivíduo deva gerar descendentes. Os homens são considerados como uma comunidade na qual as tarefas podem e devem se dividir. Esta diversificação resulta em primeiro lugar da Providência Divina²⁰, mas também das posições e habilidades distintas dos indivíduos. Certamente, por seu trabalho manual, alguém pode satisfazer as necessidades tanto próprias com as de outras pessoas. Se alguém encontra uma maneira pela qual pode ganhar a vida licitamente, o preceito não lhe obriga a trabalhar com suas mãos.

Se alguém objeta que seria fatal se todos os homens se subtraíssem à obrigação do trabalho manual (como os mendicantes), Santo Tomás responde que o trabalho espiritual é tão difícil que é reservado a poucos escolhê-lo. Isso vale também para a vida contemplativa²¹. Não trabalhar por preguiça é mau²².

Depois desta exposição fundamental Santo Tomás propõe uma divisão dos sentidos da expressão “trabalho manual”. A mão é um instrumento do espírito. O trabalho manual pressupõe sempre uma atividade intelectual²³. Assim, qualquer trabalho que se faça com instrumentos está também entendido como “trabalho manual” e também qualquer outro “trabalho” que o homem execute para ganhar a vida licitamente²⁴. Por conseguinte, as artes liberais são também formas de trabalho manual.

¹⁹ Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Quodl.* VII, q. 7, a. 1 (art. 17): “Nec solum in praecepto legis positivae, sed etiam naturalis. Illa enim sunt de lege naturali ad quae homo ex suis naturalibus inclinatur”.

²⁰ É necessária para que todos tenham o que lhes faz falta para viver bem enquanto pessoas humanas.

²¹ TOMÁS DE AQUINO. *Contra impugnantes*, n. 330.

²² *Op. cit.*, n. 337.

²³ Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Summa contra gentiles* II, 1: (operatio intellectus praecedit): “Quod quidem in rebus humanis manifeste apparet: consideration enim et voluntas artificis principium est et ratio aedificationis”.

²⁴ *Op. cit.*: “(...) et breviter quodcumque officium homo agit de quo licite possit victum acquirere”. Cfr. *STh* II-II, q. 187, a. 3: “(...) per opus manuum omnis operatio intelligitur, de qua aliquis victum licite potest lucrari”.

Efetivamente, entre o trabalho manual, em um sentido estrito, e a contemplação, se encontra um grupo de atividades que chamamos “trabalho intelectual”²⁵. A vida contemplativa ocupa o nível mais alto. Com efeito, todas as demais atividades estão organizadas em atenção à felicidade do homem que consiste na contemplação²⁶. À medida que cresce o componente intelectual do trabalho, chega a ser maior sua dignidade. Distinguindo entre a ordem de dignidade e de utilidade, o autor americano S. M. Killen propõe a seguinte classificação²⁷:

Ordem da dignidade

1. a contemplação
2. o trabalho preparatório a ela
3. trabalho de direção
4. a contemplação

Ordem da utilidade

1. trabalho manual
2. trabalho de direção
3. trabalho preparatório à contemplação
4. trabalho manual

Decorre desta análise que o trabalho manual tem sua própria dignidade cuja origem está no fato de que procede da pessoa humana: o homem ao trabalhar intenta produzir uma perfeição maior no mundo. Assim alcança uma semelhança maior com Deus que é a Causa Primeira²⁸ de todas as coisas. Uma vez que o trabalho procede da pessoa humana²⁹, exhibe uma variedade muito grande de modalidades. O animal, ao contrário, atua sempre da mesma maneira³⁰.

De todos os textos citados decorre que, segundo Santo Tomás, o trabalho manual não somente é necessário para os homens como também tem sua dignidade e seus méritos: provê as necessidades próprias e alheias; ajuda a evitar os vícios; colabora com Deus no aperfeiçoamento do mundo³¹. Nos casos em que um homem trabalha ao serviço de outro, observa o Angélico, que o homem não é nunca escravo de seu patrão em seu espírito³². O operário

²⁵ Cfr. KILLEEN, S. M. *The philosophy of Labour according to St. Thomas Aquinas*. Washington D.C., 1939.

²⁶ *Op. cit.*, III, 37.

²⁷ *Op. cit.*, p. 54.

²⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Summa contra gentiles* III, 21: “Tendit enim in divinam similitudinem res create per suam operationem”.

²⁹ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 58, a. 2: “Actiones autem sunt suppositorum”.

³⁰ TOMÁS DE AQUINO. *In III Sent.*, d. 33, q. 1, a. 2, q. 1, ad 3.

³¹ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 187, a. 3.

³² TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 104, a. 5: “In his quae pertinent ad interiorem motum voluntatis homo non tenetur homini obedire sed solum Deo”.

que trabalha para seu patrão tem direito a uma justa recompensa. Santo Tomás sublinha que se deve alcançar uma proporção entre a utilidade do trabalho e a remuneração. O pagamento deve ser equivalente à quantidade de trabalho, sua qualidade, seu grau de dificuldade e as circunstâncias do trabalhador³³.

No opúsculo *Contra impugnantes Dei cultum et religionem* reitera sua posição sobre a obrigação do trabalho manual. Não é razoável afirmar que cada um deva trabalhar com suas próprias mãos, posto que é lícito que o homem viva do seu ou do que lhe é devido³⁴. Os que servem ao bem comum por trabalhos espirituais têm o direito de ser sustentados pelos demais. Isso é evidente porque a utilidade espiritual é mais importante que a utilidade material.

O fim do trabalho é o descanso. O descanso definitivo se alcança somente quando o homem chega a sua destinação eterna³⁵. É preciso interromper dentro de certos intervalos o trabalho, porque o homem necessita do descanso de corpo e de espírito³⁶. Tampouco o homem pode utilizar suas faculdades espirituais sem se cansar em virtude da necessária colaboração de suas faculdades orgânicas³⁷. Necessita de descanso também este trabalho.

UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE O TRABALHO.

A análise filosófica propõe os elementos principais de uma reflexão sobre o trabalho. Sem embargo, para compreender o trabalho no contexto da vida humana histórica faz falta também uma consideração teológica. Qual é a função do trabalho na história da salvação? M.-D. Chenu observa que a teologia católica dedicou pouca atenção à consideração do trabalho como uma operação que é inerente à caminhada do homem em direção a seu fim celestial³⁸. Em nosso século, a revolução das estruturas do trabalho por um lado, a ideologia marxista do *homo oeconomicus* por outro, provocaram uma reflexão mais intensa. Para Santo Tomás, a Bíblia Sagrada é a fonte principal de sua teologia do trabalho. Certos textos bíblicos propõem os princípios que sustentam e iluminam a análise. Aqui estão os principais: Gênesis 3,17: “Com o trabalho comerás dela (a terra) todo o tempo de sua vida”; Eclesiástico 7,16: “Não desprezes os trabalhos difíceis, nem o trabalho do campo criado pelo Altíssimo”; 31,3-4: “O pobre se fadiga consumindo suas forças e, se descansa,

³³ Cfr. 1Co 3,2: “Ubi est potior labor, ibi sit potior merces”.

³⁴ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 187, a. 4.

³⁵ TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 73, a. 2.

³⁶ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 168, a. 2.

³⁷ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 142, a. 1, ad 2.

³⁸ CHENU, M.-D. *Pour une théologie du travail*. Paris, 1962, p. 11.

cai na miséria”; 1Co 10,31: “Quer comais, quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus”; 1Ts 4,11: “Empenhai a vossa honra em levar vida tranqüila, ocupar-vos dos vossos negócios, e trabalhar com vossas mãos, conforme as nossas diretrizes”; 2Ts 3,10: “Quem não quer trabalhar também não há de comer”. Deve-se acrescentar a doutrina do pecado original, o exemplo de Cristo e dos apóstolos que trabalharam com suas próprias mãos.

Enquanto o economista considera o rendimento imediato do trabalho, o teólogo estuda sua relação com a vida sobrenatural. Como um ato humano, o trabalho deve inserir-se na ordem das virtudes: é óbvio que a prudência deve reger o tipo e o modo do trabalho que alguém está para executar. Quando se trabalha ao serviço dos outros e se exige uma remuneração é a justiça que regula as modalidades. Tendo em vista as dificuldades que provêm do cansaço e das distrações de atenção devem intervir também a fortaleza e a temperança. Na vida espiritual o trabalho livra o ócio que segundo Santo Tomás é a origem de muitos males³⁹.

Mas o trabalho está também relacionado com as virtudes teológicas: pela fé o cristão sabe que trabalhando bem ele colabora com Deus em sua administração do mundo e prepara a Parusia do Senhor. É consciente que a Providência Divina lhe ajuda e lhe dará o que ele e os seus necessitam⁴⁰. Em sua esperança cristã aguarda o operário “seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho” (1Co 3,8). Mais importante, no entanto, é a perspectiva do amor sobrenatural: se o trabalho do cristão é animado pelo amor, este possui um valor particular de mérito com vistas à visão de Deus. Observa Santo Tomás que o que trabalha com mais caridade, receberá um prêmio maior, ainda que o seu trabalho seja menos importante⁴¹. Com relação ao amor com o qual o cristão executa seu trabalho, deve-se acrescentar que o trabalho tem uma função social: através de seu trabalho para os outros ele presta serviço, subvenciona as necessidades de seus próximos e tem a possibilidade de dar esmolas. Assim segue o exemplo e a doutrina de Jesus mesmo que pôs sua vida ao serviço de todos e disse que tinha vindo não para dominar, mas para servir⁴².

³⁹ TOMÁS DE AQUINO. *STh* II-II, q. 187, a. 3: “Secundo ordinatur ad otium tollendum ex quo multa mala orientur”.

⁴⁰ Santo Tomás ressalta isso na *Summa contra gentiles* III, 135.

⁴¹ TOMÁS DE AQUINO. *In 1Co*, c. 3, *lectio* 2, n. 143: “Unde qui ex maiori charitate laborat, licet minorem laborem patiat, plus de premio essentiali accipiet”.

⁴² Cfr. JACHER, W. “Le travail humain, son objectif et son caractère obligatoire selon saint Thomas d’Aquin”. In *Tommaso d’Aquino nel suo settimo centenario. Atti del Congresso Internazionale*. Tomo 8. Nápoles, 1978, pp. 120-7.

O animal não trabalha porque não pensa, o anjo não trabalha porque não tem corpo, mas para o homem o trabalho é a expressão de sua natureza. Longe de ser uma pena, o trabalho em todas as suas formas é em si mesmo o ato mais natural do homem; é necessário para o gênero humano, a construção da sociedade e promoção do bem-estar e da cultura. O trabalho é nosso modo de trato com o mundo e a natureza. Mas, ao contrário do que afirma o marxismo, o homem não está submetido à matéria e não se universaliza trabalhando para o bem comum. Ao contrário, pelo trabalho alcança seu próprio aperfeiçoamento. Tendo em vista a necessidade urgente, na qual tantos homens se encontram, de trabalhar muito e quase sem parar, é preciso insistir sobre a finalidade do trabalho e o primado da vida contemplativa. Por outro lado, à medida que a tecnologia e a economia contemporâneas permitem reduzir a duração do trabalho convém recordar as leis da vida moral e os perigos do ócio. A doutrina profunda e equilibrada de Santo Tomás nos fornece os princípios sempre válidos para semelhante reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARISTÓTELES. *Política*.

CHENU, M.-D. *Pour une théologie du travail*. Paris, 1962.

CÍCERO. *De officiis*.

FANFANI, A. *Storia del lavoro in Italia dalla fine del secolo XV agli inizi del XVIII*. Milão, 1943.

JACHER, W. "Le travail humain, son objectif et son caractère obligatoire selon saint Thomas d'Aquin". In *Tommaso d'Aquino nel suo settimo centenario. Atti del Congresso Internazionale*. Tomo 8. Nápoles, 1978.

JOLIVET, R. "Le travail". In *Doctor Communis*, 1959.

KILLEEN, S. M. *The philosophy of Labour according to St. Thomas Aquinas*. Washington D.C., 1939.

LAKERBRINK, B. *Studien zur Metaphysik Hegels*. Friburgo, 1969.

MOSSÉ, C. *Le travail en Grèce et à Rome*. Paris, 1960.

ROCHA, M. *Travail et salaire à travers la scolastique*. Paris, 1933.

TOMÁS DE AQUINO. In *I Co*.

_____. *Contra impugnantes*.

_____. *Quaestio quodlibetalis VII*.

_____. *Quaestio disputata de potentia*

_____. *Summa Theologiae*.

_____. *Summa contra gentiles*.